

RELATÓRIO SOBRE VIAGEM AO RIO DE JANEIRO

Camila Machado Martins

Renata Lais Bogo

Sofia do Carmo Dozól

Ao chegarmos no Rio, demos de cara com a pobreza. Lixões à céu aberto, animais - de pombos à porcos - e pessoas vivendo em contato, crianças vendendo balas no semáforo, a predominância do azul das caixas d'água e do laranja dos tijolos das favelas, todos escondidos por cercas de "isolamento acústico". Mesmo estando em pistas quadruplicadas, percebemos que estas não são suficientes para a demanda da cidade, e por um bom tempo ficamos trancados em um engarrafamento.



Cercas de "isolamento acústico".

Fonte: Acervo Pessoal

Do outro lado do morro, descobrimos a face "global" do Rio de Janeiro. Apesar de termos pegado o caminho errado, tivemos boas experiências no jardim botânico que, junto com o Jockey Club compõem essa paisagem comercial do Rio. Visitamos ainda uma praça onde estava acontecendo uma feira, no bairro da Gávea, e ali pudemos ter um breve contato com o cotidiano dos



Jardim Botânico do Rio.

Fonte: Acervo pessoal



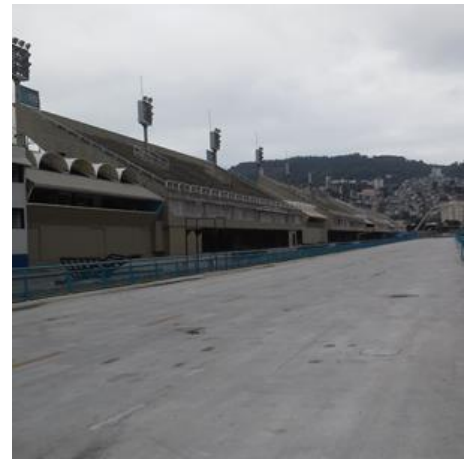
Porto Maravilha.

Fonte: Acervo pessoal

cariocas.

Adentrando o centro, fomos para o Museu de Arte do Rio, popularmente conhecido como museu do MAR. De lá, vimos de relance o Morro da Providência, primeira favela da cidade. O Porto Maravilha consegue concentrar toda atenção pra si, omitindo e escondendo com prédios enormes o passado que está escrito ao seu redor. O Museu do Amanhã proporcionou uma experiência incrível com suas exposições interativas, reflexivas e questionadoras. A exposição na cúpula na ala do "Cosmo" foi a mais interessante ao nosso ver, pois foi a que mais nos fez ter a sensação de contato com o todo. Mostrou o quão pequenos somos perante todo o universo. O Rio de Janeiro é o melhor lugar para se ter essa exposição, pois vemos a desigualdade gritante entre ricos e pobres. O sistema faz questão de nos diferenciar uns dos outros de alguma forma, quando na verdade somos todos iguais e apenas partículas do universo.

Fizemos uma caminhada a pé pelo centro, onde conhecemos o IPHAN do Rio de Janeiro e o CCBB. Na exposição que presenciamos neste último, percebemos o quão comum e frequentes para as pessoas de lá são essas exposições e eventos culturais. O público que as frequenta é o mais diverso possível. Nos museus, em alguns momentos, percebemos



Sambódromo.

Fonte: Acervo pessoal

grupos isolados de estudantes e pessoas de classe mais alta. Na exposição do CCBB, vimos um público mais variado, talvez pela cultura do bairro, talvez pela gratuidade da exposição.

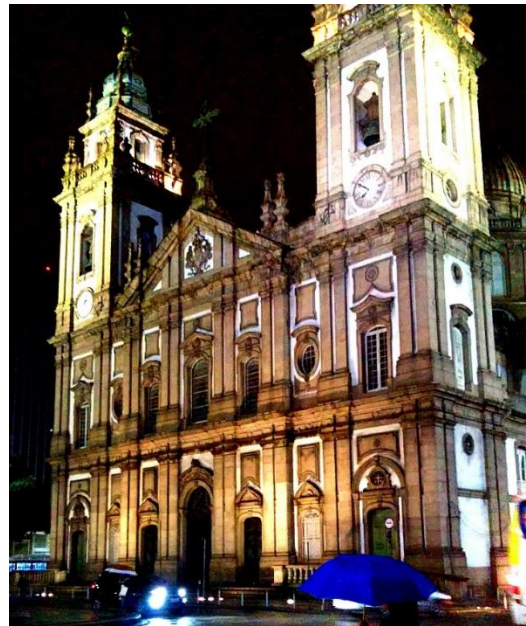
No sábado, dia 30 de abril, pela manhã, fizemos um passeio pelo centro com o professor João Baptista Ferreira de Mello, geógrafo da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Visitamos o Maracanã, o Sambódromo - que a televisão consegue ampliar de forma quase surreal -, o Cais do Valongo, uma das diversas áreas de aterro no Rio de Janeiro. Construído em 1811, foi local de desembarque e comércio de escravos africanos até 1831. O comércio foi proibido por pressão da Inglaterra, pois esta precisava de consumidores para suas mercadorias, não de escravos. Durante os vinte anos de sua operação, entre 500 mil e um milhão de escravos desembarcaram ali.



Detalhe do interior da Igreja Nossa Senhora da Candelária

Fonte: Acervo pessoal

Em sequência, fomos para a Igreja da Candelária. A Igreja de Nossa Senhora da Candelária,



Igreja Nossa Senhora da Candelária.

Fonte: Acervo pessoal



Cais do Valongo.

Fonte: Acervo pessoal

localizada na Praça Pio X, foi uma das mais belas igrejas que visitamos durante nossa viagem. Conta a história que sua construção se deu a partir de uma promessa feita por um casal muito rico, devotos da Nossa Senhora da Candelária chamados Antônio Martins Palma e Leonor Gonçalves, quando passavam por uma tempestade muito forte em alto mar. Em sua promessa eles teriam se comprometido a construir uma igreja no local onde seu navio aportasse à salvo. Este lugar foi o Rio de Janeiro. O casal cumpriu então o prometido e construiu por volta de 1630, a igreja. Com o decorrer do tempo esta sofreu algumas reformas e sobreposições de estilos arquitetônicos como o barroco pombalino, e o estilo neoclássico. Do projeto original apenas a fachada, de tipo pombalino, mantém-se no edifício atual da igreja da Candelária.

Em frente à igreja, uma história marcante. No chão, estão as marcas da chacina da Candelária. Oito jovens que foram assassinados por policiais, em frente à igreja. Esta, apesar de bela e monumental, não é tão preservada quanto devia. Seus vitrais estão danificados por descaso da prefeitura por falta de cuidados e por falta de conscientização das pessoas, que apedrejam estes vitrais. Isso se reflete também em outras edificações, pois vimos

Homenagem aos jovens mortos na chacina da Candelária.

Fonte: Acervo pessoal



muitos prédios, pontes e viadutos pichados, além de edificações históricas deterioradas.

Andando pelo centro, conversamos sobre as edificações mais marcantes,

sobre a arquitetura, muito diversa e com estilos variados, sobre a cultura e músicas

populares, como as marchinhas de carnaval; fomos então para a confeitaria Colombo, um dos pontos mais fotografados do Rio de Janeiro. Um edifício que abusa do charme com vidros, pratarias, espelhos e iluminação.



Confeitaria Colombo.

Fonte: Acervo pessoal



Museu de Arte Contemporânea, uma das edificações do caminho Niemeyer.

Fonte: Acervo pessoal

Visitamos também a Câmara e o Teatro Municipal. Na escadaria da Câmara, enquanto esperávamos o restante do grupo, fomos abordadas por um morador de rua. Fomos surpreendidas pelo seu jeito humilde e singelo ao pedir um gole de refrigerante para saciar sua sede. Naquele momento, o pouco que tínhamos pareceu muito.

No período da tarde, pegamos a balsa para Niterói. Um caminho com uma bela panorâmica da cidade, ladeado por poluição e lixo na baía de Guanabara. Visitamos o "caminho Niemeyer", que não nos levou a lugar algum. Um arquiteto comunista, com a intensão de

uma arquitetura inclusiva, que se tornou excludente. Talvez não por intensão do arquiteto, mas pela administração da cidade, essas obras públicas não são utilizadas por todos. No momento que a visitamos, todas estavam paradas, sem acervo e sem utilidade.

À noite, visitamos o bairro da Lapa. Lugar onde o samba, a dança e as culturas se misturam. Não há distinção entre estilos, entre gostos ou línguas. A noite carioca acontece ali. Na praça onde se encontram os famosos "arcos da lapa", havia um palco com atrações livres para o público, além de barraquinhas que vendiam bebidas para as pessoas ali presentes. Os bares da redondeza contavam com música ao vivo e espaços para dança. Percebemos uma circulação intensa de pessoas de várias classes sociais e de diferente faixas etárias. Nós, como visitantes, não sentimos a violência tão presente quanto nos era alertado, tanto na Lapa quanto no restante da cidade.

Voltando ao Hostel onde estávamos hospedadas, conversamos com os rapazes que trabalham lá. O segurança nos relatou que, para sustentar sua família, que, contando com ele, totalizam três pessoas, ele precisa de dois empregos, com uma renda total de 4 mil reais. E, ainda assim, mora na periferia. Um dos recepcionistas nos disse que, trabalhando no hostel, o máximo que ele consegue alugar na capital é um quarto, que custa entre mil e mil e quinhentos reais. Comparamos a situação deles com a que presenciamos em Laguna, onde ainda encontramos aluguel anual de apartamentos mobiliados, muitas vezes com vagas de garagens, áreas de festa e próximos à praia pelo mesmo preço ou até mesmo inferiores.

Quando questionamos sobre as favelas, nos falaram que, na verdade, a renda familiar nestes locais já é vista como de classe média. Como nos disse, "na favela não tem pobre não. Os pobres estão nos subúrbios, onde há muita violência, assassinato e tráfico de drogas.". Diferente dos dois



Arcos da Lapa à noite.

Fonte: Acervo pessoal

citados, o outro recepcionista mora no Leblon. Segundo ele, havia ganho o apartamento na região por herança. Chega a ser gritante o contraste entre as realidades vividas por eles, que pareciam tão iguais dentro daquele ambiente.

Para eles, a produção musical denominada "funk carioca", não representa o valor cultural do Rio de Janeiro. Nem todos os locais gostam desse tipo de música, valorizando muito mais os funks antigos e melódicos do que estes que possuem letras vulgares. Notamos também o quanto eles valorizam a MPB e o samba de raiz, estilos que não faltavam na lista de reprodução que tocava o tempo todo no hostel.

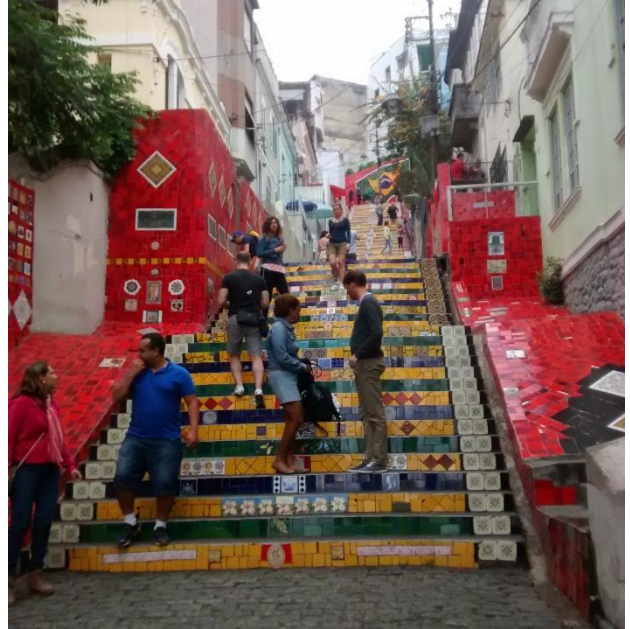
Na manhã de domingo, dia primeiro de maio, voltamos à região central do Rio. Passamos por praças que, por ironia, possuíam cercas à sua volta. A antiga ideia de que muros e cercas vão proteger e trazer segurança, quando na verdade só segregam e omitem a realidade. É curioso encontrarmos cercas dividindo ambientes públicos; talvez estivessem lá com a intenção de proteger o patrimônio dentro dela, porém o fato de estarem quase vazias mostra o quanto elas intimidam as pessoas; o quão pouco convidativas são.



Praça cercada.

Fonte: Acervo pessoal

Conhecemos também a escadaria do Selarón, que liga o bairro da Lapa ao bairro de Santa Tereza. A escadaria, que anteriormente era apenas rebocada, foi uma obra do artista chileno Jorge Selarón, que morava e tinha o seu atelier no local. Por volta de 1994, incomodado com sua aparência, passou a fixar azulejos em seus degraus, além dos muros das casas que se estendem ao longo da escada. Decorada com seus vários azulejos, possui uma cor e significado singulares, sendo hoje um cartão postal do Rio. É extremamente curioso observar a combinação da escadaria: em alguns pontos, há desenhos que parecem colagens, em outros, há pisos que refletem a realidade da cidade, fazem críticas e contam histórias. É um ponto, como vimos, presenciado por pessoas de diversos lugares do mundo.



Escadaria Selarón.

Fonte: Acervo pessoal



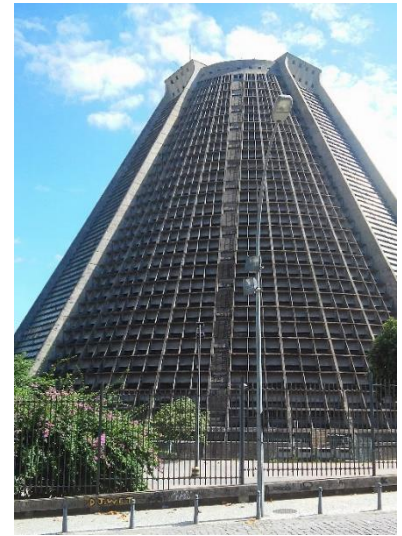
Arcos da Lapa pela manhã.

Fonte: Acervo pessoal

Ainda pela manhã, voltamos aos arcos da Lapa que, apesar de ter ainda um fluxo de pessoas, não refletia a vida, o encontro e o significado que vimos na noite anterior. O dia na Lapa era comum, enquanto sua noite se mostrava marcante. Fomos visitar Catedral de

Exterior da Igreja São Sebastião.

Fonte: Acervo pessoal



Aterro do Flamengo.

Fonte: Acervo pessoal

São Sebastião. Antes de entrar na catedral, fomos instruídas por uma senhora, a fazer um pedido ao passar pela porta. Não sabemos o porquê desse costume, mas esperamos que os nossos pedidos se realizem. A primeira vista, a construção não nos pareceu se tratar de uma catedral católica. Até mesmo seu interior, se mostra muito diferente das igrejas que estamos acostumados: além de haver uma loja no interior desta, o altar, com a figura de Cristo na cruz ficava em segundo plano, já que os vitrais coloridos ao fundo e a forma diferenciada da igreja chamavam muito mais a atenção.

No fim da manhã partimos em direção ao Aterro do Flamengo, projetado por Roberto Burle Marx, e visitamos também o Museu de Arte Moderna, projetado por Affonso Eduardo Reidy. O museu possui uma arquitetura moderna, que explora os vãos, as paredes de vidro e o concreto armado, não sendo agressivo com suas exposições, que são o

principal foco. A arte moderna é curiosa, pois faz críticas frequentes ao sistema e à ascensão do modernismo no início do século XX, Aborda temas sociais como a pobreza, o modo de vida e exploração dos trabalhadores, a injustiça social e a realidade da zona rural e nas zonas periféricas urbanas.

Diferente das praças cercadas e vazias, o Aterro do Flamengo, aberto em todos os seus lados e com vista privilegiada da Baía de Guanabara, apesar de se localizar em uma área nobre, entre o aeroporto Santos Dumont, localizado no centro, e a Praia de Botafogo, na zona sul, contava com a presença de pessoas de todos os estilos. Apesar de não parecer "artificial", toda a área foi resultado de aterros sucessivos na baía de Guanabara. Mesmo sendo hora do almoço e o dia estando ensolarado, muitas pessoas estavam aproveitando aquela área, seja para andar de bicicleta, patins, skate, correr, jogar futebol nas quadras, e até mesmo fazer churrasco. Não podemos afirmar com segurança que haviam pessoas de todas as classes sociais, mas era notória a diversidade que o parque abrigava, sendo um local de encontro e lazer para todos os públicos, com atividades ao ar livre e um paisagismo encantador.



Passamos por diversas praças que abrigavam feiras. Almoçamos na praça São Salvador, onde acontecia uma destas. A intenção era presenciarmos uma roda de choro, popularmente chamado de chorinho. Este foi um gênero de música popular que surgiu no Rio em meados do século XIX. Em sequência, parte do grupo se dirigiu

Aterro do Flamengo.

Fonte: Acervo pessoal



Cristo Redentor.

Fonte: Acervo pessoal

ao Corcovado, para visitar o Cristo Redentor, enquanto outra parte foi visitar o Vidigal.

O corcovado foi um dos lugares mais lindos que visitamos no Rio, e apesar de o tempo estar nublado a maior parte da nossa viagem, no fim do dia, estava perfeito para a visita ao Cristo. Um dos pontos turísticos mais visitados do Brasil o Cristo Redentor é uma referência quando se fala do Rio de Janeiro e até mesmo do Brasil, em vários lugares do mundo. E do corcovado conseguimos ter uma das mais belas vistas da cidade do Rio de Janeiro, não é à toa que o Cristo foi considerado, mesmo que informalmente, uma das sete maravilhas do mundo. Estar lá foi de certa forma especial, por poucos momentos nos sentimos mais próximas do céu e ao mesmo tempo do mundo, pois estávamos rodeadas por pessoas de vários países, que falavam várias línguas, mas que estavam ali com o mesmo propósito, apreciar a vista. E naquele momento percebemos o quanto o Rio de Janeiro continua lindo.



Vista do Corcovado.

Fonte: Acervo pessoal

Enquanto isso, de metrô, nos deslocamos até encontrar o ônibus, com o qual seguimos até o Vidigal, passando por bairros nobres da zona sul, como Ipanema e Leblon. O acesso ao morro não pôde ser feito de ônibus. Adentramos o início dele à pé. Os moradores percebem facilmente, até mesmo pelo

tamanho do grupo, que somos de fora. Em tom de humor, comentam que estamos invadindo a favela. Nos dividimos então em Kombis, que nos levaram até a primeira parada: o parque Sitiê. Na subida, conforme as curvas que fazíamos, era possível ver as diferentes paisagens da favela: desde casas nos lugares mais improváveis, até o incrível pôr do sol no mar.

O parque Sitiê foi fundado por uma equipe diferente, que conta com um músico, um domador de cavalos e um arquiteto, sendo construída pelos moradores da redondeza. O parque possui um ideal incrível, explorando possibilidades, materiais e o relevo, sempre levando em conta a sustentabilidade. Detém uma horta comunitária, utiliza materiais reciclados como pneus e aros de bicicleta, os quais se tornaram um mobiliário único, que traz uma identidade ao local. O parque inteiro é singular. É possível ver todo o esforço e dedicação para torna-lo agradável, tendo espaços para trilha, para prestigiar o pôr do sol no mar, para encontros e para permanência, num lugar quase inimaginável. Infelizmente, quando o visitamos, não havia nenhum morador do morro no local para sabermos como é a relação da população com o parque, como é a apropriação dos moradores sobre ele.

Seguindo viagem, fomos de Kombi para o topo do morro. Em determinada parte do caminho, onde a rua era estreita demais para mais de um veículo, demos com um carro descendo o morro. Com calma, o motorista da Kombi deu ré e manobrou de forma que o carro pudesse passar sem dificuldade. Sem uma buzina. Sem um xingamento. Uma educação entre os moradores pouco vista no restante do trânsito carioca. No topo do morro, tivemos uma visão privilegiada do mar. Uma paisagem exuberante que é comercializada mesmo na favela. O Vidigal já perdeu muitos traços de favela, pois mesmo tendo ainda habitações precárias e parte da população pertencente à classe média baixa, por se localizar na zona Sul, zona nobre do Rio de Janeiro, entre bairros de classe alta, se torna alvo da especulação

imobiliária. Muitos artistas possuem ateliês ali. Pessoas famosas e influentes possuem casas ou frequentam ambientes dali. No local onde paramos para fotografar, havia uma construção sendo realizada. Não sabemos se é uma edificação residencial ou comercial; porém, aparentemente, a visão privilegiada que os visitantes e moradores podem ter, será exclusiva do dono da obra.

Desde nossa saída da UDESC, na quinta-feira, presenciamos diferentes paisagens no entorno. A professora Ana Carolina explicou sobre o relevo do litoral catarinense: A faixa denominada Planície Costeira é a faixa próxima do litoral, onde predominam planícies, dunas arenosas e terrenos com pouca altitude, com vegetação variando em mangues e Mata Atlântica. A faixa chamada de Serras Litorâneas engloba as Serras do Mar e a Serra Geral, que formam barreiras montanhosas e possuem Mata Atlântica.

No Rio, chama a atenção o tamanho da faixa que foi aterrada, a partir do século XX, com a intenção de ampliar a os espaços na cidade. Isso se deu pela vinda da Família real ao Brasil, que ao se instalar na capital, tinha a intenção de modernizar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, nome oficial da cidade, como nos disse o professor Baptista. Para isso, muitas praias foram sacrificadas no processo. Ainda no ônibus vimos fotos de Copacabana em diferente épocas: é notória a diferença de tamanho de sua faixa de areia. Isso se mostra também em quase toda a faixa litorânea. O Porto Maravilha, a Igreja da Candelária, o Cais do Valongo, o Aterro do Flamengo... Todos estão em áreas de aterro.

O Rio é uma cidade de contrastes, tanto no âmbito social quanto na arquitetura. É gritante a diferença entre as zonas ricas e pobres: as moradias, de um lado construída pelos seus donos com os materiais possíveis e, do outro, arranha céus luxuosos que refletem todo o poderio da alta sociedade carioca. O que mais chama a atenção é a diferença de educação entre essas duas realidade. Apesar da

falta de infraestrutura, das estradas minúsculas e da falta de calçadas, nas favelas o respeito no trânsito e com o pedestre é muito maior do que no centro, onde se ouviam buzinas o tempo todo. Até mesmo o tempo parecia correr em velocidades diferentes.



O antigo refletido no novo.

Fonte: Acervo pessoal

Essas mesmas diferenças são vistas nas arquiteturas eclética e pós moderna; o antigo refletido no novo. O antigo, com tantos significados e marcos. Tantas histórias, muitas vezes esquecidas ou desconhecidas. Desde igrejas que foram palco de

chacinas, até cais que foram cenários do comércio entre escravos durante séculos. O novo, que marca a modernidade, que mostra o poder das grandes corporações e das grandes empreiteiras. Que está fazendo o futuro.

Referências:

Cais do Valongo é candidato a Patrimônio da Humanidade. Ministério da Cultura do Brasil. 30 de setembro de 2014. Disponível em http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xlR9iTn/content/id/1218952. Acesso em 25 mai. 2016.

PACIEVITCH, Thais. **Geografia de Santa Catarina.** Disponível em <http://www.infoescola.com/santa-catarina/geografia-de-santa-catarina/>. Acesso em 25 mai. 2016.

Aterro do Flamengo. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Aterro_do_Flamengo. Acesso em 25 mai. 2016.

Escadaria Selaron. Rio de Janeiro Aqui. Disponível em <http://www.riodejaneiroaqui.com/pt/escadaria-selaron.html>. Acesso em 25 mai. 2016.